

*VISÃO DOS DOCENTES
DE UMA UNIVERSIDADE ABERTA
À TERCEIRA IDADE
QUANTO AO PROCESSO DE ENSINO
E APRENDIZAGEM DE IDOSOS*

Ana Claudia Nunes De Souza Wanderbroocke¹
Adriana Campanholi Ganski²
Bruno Dias De Carvalho³
Gilberto Scaglione⁴
Naiane Estevo Flores⁵

resumo

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a visão dos docentes em um projeto de educação para adultos e idosos, oferecido no formato de Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), quanto ao processo ensino-aprendizagem de idosos. Trata-se de pesquisa qualitativa, na qual participaram de uma entrevista semiestruturada treze profes-

1 Graduada em Psicologia pela UFPR. Doutora em Psicologia pela UFSC. Psicóloga e Docente do curso de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: anawdb@gmail.com.

2 Graduanda em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: adriana.ganski@utp.br.

3 Graduando em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: bruno.carvalho@utp.br.

4 Graduando em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: gilberto.scaglione@utp.br.

5 Graduando em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: naiane.flores@utp.br.

sores que ministraram aulas entre 2013 e 2016. O procedimento de análise de conteúdo permitiu conhecer a forma de ingresso, os aspectos didáticos empregados e a percepção dos docentes quanto aos alcances e às limitações da proposta. Os dados indicaram que a maioria dos docentes são provenientes da própria instituição de ensino, privilegiam aulas expositivas e dialogadas e centralidade na relação professor/aluno e menos na relação entre idosos. Conclui-se que há necessidade de preparação do docente para atuar com idosos e o conteúdo ministrado deve estar relacionado às necessidades e às motivações de aprendizagem dos alunos, a fim de favorecer o processo de aprendizagens cognitivas e emocionais.

palavras-chave

Universidade Aberta à Terceira Idade. Ensino. Envelhecimento.

1 Introdução

Ao longo do século XX observamos diferentes construções sociais em torno da velhice. De um lado, ela foi vista como uma etapa na qual se acumulavam perdas e estagnações e de outro, como um período de liberdade, prazer e autorrealizações (GERGEN K.; GERGEN M., 2010). No presente, prepondera a concepção da velhice como uma etapa heterogênea quanto ao desenvolvimento e às condições biopsicossociais, ou seja, as pessoas não envelhecem de acordo com padrões pré-estabelecidos. Independentemente dessa heterogeneidade, há consenso nas ciências da saúde e das humanas em torno da necessidade de se produzir condições para a otimização de um envelhecimento ativo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005), para se promover o processo de envelhecimento ativo, deve-se aumentar as oportunidades de saúde, participação e segurança aos que envelhecem.

Os países europeus foram pioneiros no desenvolvimento de programas com vistas a ampliar a participação social de idosos e, conseqüentemente, a investir na promoção do envelhecimento ativo. Dentre eles, houve a criação da “Universidade da Terceira Idade” por Pierre Vellas, em 1973, na França e posteriormente em universidades da Alemanha, Suíça, Polônia e Espanha. Os objetivos iniciais desses projetos eram tirar os idosos do isolamento e propiciar-lhes saúde, energia e interesse pela vida, bem como modificar sua

imagem diante da sociedade (SILVA, 2017). A ideia se propagou na maioria dos países que enfrentam o envelhecimento populacional, entre eles, o Brasil.

Apesar de não haver uma única definição para tais programas, o termo Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) tem sido amplamente utilizado. Silva F., Silva A. e Rocha (2017) apresentaram pontos importantes para compor a concepção de UATI: a) perspectiva da educação permanente/continuada; b) abordagem interdisciplinar; c) centros de atividade, interação e integração social do idoso; d) promoção da integração intergeracional; e) produção de conhecimento com, sobre e para os idosos (pesquisa); f) formação de recursos humanos especializados; g) serviços de saúde preventivos aos idosos; h) currículo que promova reflexão sobre o processo de envelhecimento e suas implicações biopsicossociais; i) prática indissociável de ensino, pesquisa e extensão; j) participação, cidadania, autonomia e integração: o idoso como protagonista; k) promoção da saúde de modo integral; l) envolvimento de instituições além da universidade; m) perspectiva da educação não formal; e n) ações/experiências em espaços e tempos mais flexíveis.

As UATIs dão respaldo ao desejo dos idosos pela educação como ampliação de seus conhecimentos, possibilitando traçar novas metas de vida. Com a reestruturação da pirâmide etária e a maior perspectiva de vida, acredita-se que a educação crie possibilidades para aqueles que querem voltar ou pretendem continuar estudando e exercitando um processo de reflexão, através de um currículo intencionado para que isto aconteça. Portanto, destaca-se a importância de as UATIs se estruturarem para oportunizar ao idoso pensar sobre sua inserção no mundo, despertar e ampliar suas potencialidades, traçar projetos futuros e dar sentido à vida (LIMA, 2000).

Diante disto, as UATIs devem se constituir como espaços que oportunizam a descoberta de potencialidades biológicas, sociais, cognitivas e psíquicas. Segundo Association for Gerontology in Higher Education (2000), modificar objetivos, conteúdos e métodos, de acordo com as necessidades dos idosos e da sociedade que envelhece, deve ser a proposta de educação dirigida aos idosos, inserida numa perspectiva de educação permanente. Para alcançar tamanho propósito, a presença de professores alinhados com a proposta é fundamental.

Para Jesus (2012), espera-se dos professores que além de sua formação científica e acadêmica, componham um repertório de práticas pedagógicas críticas e consistentes, que comporte as demandas da sociedade, tal como o envelhecimento e a presença dos idosos nas universidades.

Para o mesmo autor, esta tarefa envolve desafios, como a existência de grupos de idosos com diferentes níveis de instrução em uma mesma sala de aula. Em contrapartida, aponta que existem aspectos fundamentais nesse

público, como a persistência, o fato de possuírem vontade de aprender e adquirir novos conhecimentos, o que são considerados facilitadores do processo. Além disso, para se estabelecer uma relação de ensino aprendizagem com idosos, argumenta que se faz necessário o envolvimento dos docentes no que diz respeito a adaptar suas práticas pedagógicas de forma a atender às necessidades dos idosos.

Pesquisadores brasileiros têm se voltado para as UATIs como espaço de produção de conhecimento. Entre as temáticas desenvolvidas, merecem destaque: as pesquisas que buscam o perfil dos alunos e os motivos para a sua procura (ORDONEZ; CACHIONI, 2011; PEREIRA, 2003; SANTOS *et al.*, 2017; SILVA *et al.*, 2012), a avaliação da qualidade de vida dos idosos participantes (CASTRO *et al.*, 2007; MOLITERNO *et al.*, 2012; PREVIATO *et al.*, 2016); e os aspectos psicossociais como: o bem-estar subjetivo (ORDONEZ; LIMA-SILVA; CACHIONI, 2011), a depressão (BATISTONI *et al.*, 2011; MUNIZ; BATISTONI; NASCIMENTO, 2012), a rede de suporte social (DOMINGUES *et al.*, 2012; TORRES *et al.*, 2012) e a autopercepção corporal (FERREIRA *et al.*, 2014). Os estudos com foco nas práticas educacionais configuram-se em menor quantidade e têm se voltado para a avaliação de programas e atividades propostas nas UATIs, quanto a seus benefícios para os idosos. Como exemplo, Casemiro *et al.* (2016) buscaram a efetividade de uma oficina de estimulação cognitiva, Cervato *et al.* (2005) tiveram como objetivo avaliar os efeitos de uma intervenção nutricional educativa e Castro *et al.* (2007) desenvolveram um programa de revitalização geriátrica (REVIT) interdisciplinar e avaliaram os resultados por meio de atividades físicas e de promoção social e cultural. Constatou-se que a participação dos docentes enquanto atores das práticas educacionais ainda não foi contemplada na produção científica nacional.

2 Objetivo

Frente ao panorama de pesquisas sobre as UATIs, este estudo buscou compreender como se dá a participação dos docentes em um projeto de extensão de educação para adultos e idosos, oferecido por uma instituição pública de ensino superior, no sentido de identificar como ocorreu o ingresso dos participantes, quais os recursos didáticos utilizados, bem como as percepções quanto aos alcances e limitações do projeto.

A pesquisa foi realizada em uma instituição pública de ensino superior, de uma cidade do Sul do Brasil, que oferece um projeto de extensão voltado para a educação de adultos e idosos. Entre os objetivos do projeto, encontra-se: contribuir para a promoção da qualidade de vida, do desenvolvimento cultural e social dos participantes envolvidos. O programa teve início no ano de 2012 e, desde então, é oferecido anualmente. Os inscritos podem participar durante dois semestres letivos seguidos, não podendo continuar além desse período para que outras pessoas também sejam atendidas, tendo em vista a grande procura. Ao longo da pesquisa, as aulas e as atividades aconteciam duas vezes por semana, no período da tarde, nas dependências da instituição. Participavam cerca de cem pessoas com idade acima de 55 anos. Ao final dos dois semestres, um certificado era conferido aos inscritos que atingissem no mínimo 70% de participação. Para a realização das atividades, a coordenadora do projeto contava com a adesão voluntária, e não remunerada, de professores da casa e de outras instituições.

A pesquisa se classifica como qualitativa, descritiva e exploratória, na qual participaram treze professores que ministraram aulas ou atividades para os idosos, entre os anos de 2013 e 2017. Destes, nove eram homens e quatro mulheres; as idades variaram entre 29 e 63, com média de 44 anos; todos com nível de educação superior, atuando nas seguintes áreas ou temáticas: cinema, educação física, nutrição, treinamento e desenvolvimento pessoal, farmácia, informática, fisioterapia, psicologia, teatro, história, homeopatia e arqueologia.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada, com duração média de uma hora, baseada em um roteiro com questões que contemplaram os temas: trajetória profissional do entrevistado, ingresso no projeto e percepções do docente em relação ao projeto. As entrevistas foram conduzidas por dois dos autores experientes nessa técnica. Antes de iniciada a coleta de dados, os pesquisadores passaram por um processo conjunto de *roleplay* (simulação das entrevistas a partir do roteiro pré-estabelecido) para garantir a similaridade na condução.

Para o início da coleta de dados, foi feito contato com a coordenadora do projeto, que disponibilizou o endereço eletrônico e o telefone dos professores participantes. Obteve-se uma lista com 43 nomes e seus respectivos contatos. Treze aceitaram conceder a entrevista, dez não foram localizados após cinco tentativas, 11 não aceitaram participar alegando não ter interesse e nove se propuseram, mas desmarcaram mais de duas vezes, sendo excluídos do processo. Com os que concordaram em participar, data e local foram combinados de maneira a não interferir nas atividades docentes. Todos os participantes

preferiram ser entrevistados em seus locais de trabalho, em espaços que garantissem a confidencialidade dos dados. Nesse sentido, as falas foram apresentadas seguidas da indicação da letra P e o número correspondente ao registro do participante na pesquisa.

Os dados foram analisados qualitativamente, por meio de análise do conteúdo temática (BARDIN, 2011). O processo ocorreu em três etapas: na primeira, a pré-análise, foi realizada uma leitura flutuante de todo o material; na segunda, a exploração e a codificação do material por meio do recorte do conteúdo analisado, conforme aproximação das categorias de análise, foram estabelecidas a priori, a partir dos objetivos da pesquisa; e na terceira etapa, o tratamento dos resultados, por meio de interpretações e diálogo com a literatura pertinente. As seguintes categorias foram analisadas: a) Forma de ingresso dos professores na UATI; b) Recursos didáticos utilizados; e c) Alcances e limitações do projeto.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 45991515.3.3001.0102) e os pesquisadores seguiram as orientações éticas da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde ao longo de todo o processo, incluindo a solicitação para a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes das entrevistas.

4 Resultados e discussão

4.1 Forma de ingresso dos professores na UATI

Nesta categoria buscou-se compreender como os docentes ingressaram no projeto, por se entender que a seleção do corpo docente tem implicações na estruturação e na organização do projeto. A seleção dos professores se deu, preferencialmente, por parte da coordenação, que buscou profissionais capacitados tanto na própria instituição, como em outras da cidade. O convite à P.5 ilustra esta prática: “Mas foi por convite por meio dela pra que eu desse alguma aula que tivesse como conteúdo algo que fosse importante para os idosos né” (P.5). Também houve uma situação em que o professor se ofereceu para participar, tendo em vista que desenvolvia pesquisa sobre temática de interesse ao projeto, conforme ilustrado na narrativa de P.8:

A gente começou a fazer um projeto de pesquisa pra avaliar a parte física e funcional dos idosos e aí no segundo semestre a gente entrou em contato com a responsável e fomos até eles para divulgar o nosso projeto. Então a

gente ministrou uma palestra falando sobre a importância do exercício físico no envelhecimento. (P.8).

À medida que as UATIs se tornam conhecidas, atraem também professores e pesquisadores interessados. Esta busca pelo público idoso, oferecido pelas UATIs, pode ser uma forma de as coordenações estabelecerem uma troca, uma vez que nem sempre as universidades dispõem de verbas para remunerar os docentes envolvidos. Os dados indicaram que tanto a busca direcionada pela coordenadora, como a espontânea, por parte dos profissionais, manteve a coerência com o projeto, no que diz respeito aos conteúdos abordados.

Entre os participantes, parte não tinha experiência anterior em trabalhos com grupos de idosos, porém, notou-se a possibilidade de estabelecer ligação entre o que já havia sido desenvolvido e a proposta atual. Como relatado por P.10: “Não, não especificamente com idosos. Havia grupos que eu ministrava cursos livres de teatro e aí misturava com pessoas com um pouco mais de idade, pessoas jovens, né. Mas especificamente só de idosos foi à primeira vez”.

Da mesma maneira, outro participante relatou um acúmulo de experiência teórica, que possibilitou a adaptação à atividade sugerida na UATI: “Sempre tive um interesse muito grande em carreira, sempre lia muita coisa, dava aula sobre como era a iniciação das pessoas mais velhas no mercado de trabalho, sempre na forma de estudo, nunca tinha trabalhado num projeto prático assim” (P.9).

Outros participantes relataram experiência anterior com o público idoso, acadêmica ou em outros contextos: “Trabalho com idosos, eu ministro atividade física pra idosos desde 2006, no interior de São Paulo, sempre ministrando exercício físico. Quando eu vim pra cá, eu tive o primeiro contato com a UATI” (P.8) e “Sim, a gente tem um projeto desde 2008 voltado para esse público. Sempre o objetivo dos nossos projetos né, nessa área do risco de quedas, da saúde do idoso” (P.2).

Os dados indicaram que a coordenação do projeto buscava compor o quadro docente, privilegiando a formação do profissional ou em áreas ou em temáticas que fossem de interesse do público idoso, e quando possível, a experiência prévia com esse público. Apesar de as UATIs existirem no Brasil desde a década de 1980, o conhecimento acerca da educação para adultos e idosos, ou andragogia, ainda não está consolidado, e tampouco disseminado, entre os docentes como discutido por Barros (2018). Neste sentido, pode-se pensar que as experiências dos professores com idosos em outros contextos, que não o acadêmico, ou em temáticas específicas, podem ser úteis para a formação de novos programas. Mas, como afirmam Ruiu (2015) e Cachioni *et al.* (2015), é importante que as atividades desenvolvidas nas UATIs sejam

avaliadas criticamente para que encontre as melhores maneiras de se oferecer educação a idosos, correspondendo aos objetivos do projeto e favorecendo o desenvolvimento do sujeito pedagógico que se quer alcançar.

4.2 Recursos didáticos utilizados

Um dos aspectos que se buscou compreender foi como os professores orientaram as atividades educativas para trabalhar com os idosos. Parte dos entrevistados considerou que, por já terem experiência prévia com idosos, não houve necessidade de adaptar suas aulas e recursos didáticos. O método mais utilizado foi aula expositiva dialogada, mencionada por todos os participantes. Partiram do entendimento que esta prática propiciava a passagem de conteúdo e oportunizava espaço para discussão das dúvidas e inclusão das experiências dos idosos. Essas participações também repercutiram como *feedbacks* das aprendizagens, como narrado por P.2:

O que a gente sempre acaba tendo como respostas nessas intervenções assim, mais pontuais, são realmente o relato deles, porque eles começam a se identificar em algumas coisas né: “Puxa é verdade e tal. Lá na minha casa eu preciso mudar mesmo, tem um monte de tapetinhos lá que volta e meia eu escorrego e tal, minha filha já falou, meu filho já falou e tal”. E que daí, quando vem alguém de fora e comenta aquilo, tem um impacto diferente do que a família cobrando, né. (P.2).

Para garantir que os idosos acompanhassem a temática exposta, boa parte dos professores fez alguma adaptação julgada necessária. Foi mencionado o preparo de aulas com noções básicas de seus temas com adequações: P.4 apresentou conceitos básicos de desenvolvimento de pessoas: “entender como é que eu podia falar do *coach*, do autoconhecimento mesmo nessa fase da vida”, P.5, após participar de qualificação de doutorado, adaptou seus slides: “modifiquei mais na questão estética dos slides, porque eu participei na minha pós-graduação, que eu faço doutorado agora, participo um pouco com o pessoal do design ali” e P.12 adaptou a linguagem, levando em consideração a diferença de formação encontrada nas turmas. Ao relatar a necessidade de adequação da linguagem, relatou:

[...] foi só adequar a linguagem, cuidar com a linguagem, porque daí você não pode ficar com uma linguagem muito técnica. Até teve uma coisa que eu conversei no início da apresentação, eu sempre pergunto ali se tem alguém da área da saúde, mas a maioria não é da área saúde, pra que a gente tenha cuidado como que fala e eu sempre deixo à vontade pra eles levantarem as mãos se não entenderem alguma coisa, pra perguntarem. Que nem, teve um ano que

eu tava falando “RDC”, “RDC”, “RDC”, “RDC” pra nós é muito, no nosso meio, é muito comum, porque “RDC” é Resolução da Diretoria Colegiada da ANVISA, então pra nós tem tudo a ver com a Vigilância Sanitária e tal. E eu falando “RDC”, daqui a pouco um levantou: “Tá, mas o que é “RDC”? Então é com essas coisas que a gente tem que tomar cuidado. (P.12).

As adequações didáticas realizadas pelos docentes consideraram apresentar conteúdo básico, adaptação para linguagem informal e cuidado com o preparo visual; essas adaptações foram feitas com o intuito de facilitar a aprendizagem. Além disso, valorizaram a história de vida dos idosos, dando espaço para a participação, com atenção personalizada às dúvidas e aos anseios, tornando o ambiente acolhedor, reconhecendo a necessidade de “toque, contato, olho no olho, saber o nome um do outro, que não conhecia” (P.10) ou como na narrativa de P.13, que buscou suavizar as aulas com momentos de descontração: “Eu gostava de escutar as histórias [...] perguntar e brincar um pouco porquê... era cansativo duas horas de aula assim... ou é muita informação..., todo mundo quietinho aí você tem que fazer uma brincadeira, coisa de dar aula” (P.13).

Outra adaptação mencionada por um docente foi a organização do conteúdo em formato de apostila para que os alunos pudessem dispor do material e fazer consultas nele posteriormente: “[...] a questão do hospital, medicamento genérico, eles têm muita dúvida quanto a isso e também a gente procurou explicar pra eles dentro da própria legislação, a gente sempre traz a legislação pra eles e desse projeto, a gente também montou uma apostila” (P.12).

Como as entrevistas foram realizadas com professores que participaram desde o início das atividades, supõe-se que o projeto vinha se estruturando e que todos estavam aprendendo com as próprias experiências. Alguns participantes reconheceram a necessidade de adaptação prévia e outros, perceberam depois, como P.1, que relatou: “agora eu tenho certeza que quando eu for dar uma aula de novo pra uma turma de aposentados, eu teria condições melhores pra aula”.

Alguns professores, apesar de mencionarem não terem tido necessidade de adaptar a didática de sua aula, mencionaram dificuldade em manter a disciplina em sala de aula.

Eles falam bastante, fiquei chocada em ver como eles conversam, parecem criança no recreio, assim né! As meninas batendo papo e falando de baile e de festa. Então assim, eu não tive dificuldade nenhuma, mas eu fiquei muito... impositivamente né, porque eles não são quietos, eles não são paradinhos, eles não são nada daquilo que a gente meio que faz um estereótipo, né, e eu precisei dar aula, ter um jogo de cintura logo, chamar atenção, né. (P.4).

Eles parecem crianças né, você tem que ficar... você tá dando aula, tem que ficar o tempo todo: "Silêncio!" Tinha que falar: "Ai, pelo amor de Deus silêncio, eu tô falando!" (P.7).

Com base nas narrativas dos professores da UATI pesquisada, pode-se perceber que houve a preferência dos professores pela exposição de seus temas de domínio aos idosos e das aulas expositivas dialogadas. Neste sentido, vale a reflexão sobre a composição curricular das UATIs, pois se aulas expositivas (dialogadas ou não) podem ser úteis para a apresentação de temáticas relevantes para a terceira idade, como temas de prevenção em saúde, por outro lado, podem não contemplar a sua principal missão. Tal propósito é o de promover o espaço de reflexão sobre o processo de envelhecimento e o lugar do idoso no mundo e em suas comunidades de pertencimento. Dessa forma, promover participação, cidadania e integração, dado também discutido por Silva F., Silva A. e Rocha (2017) e Eltz *et al.* (2014).

Para Pereira (2014) o principal desafio dos integrantes das UATIs é compreender que o processo de educação nesse contexto não pode ser centrado no professor como transmissor do conhecimento, nem no aluno como receptor passivo do que é direcionado verticalmente para ele. Para a autora, esses projetos têm uma missão maior a ser alcançada, portanto, precisam se distanciar do risco de assumir a posição de oferecer apenas conteúdos específicos, ou ainda, preenchimento do ócio ou recreação para o idoso.

Como entre os principais objetivos das UATIs encontra-se o proporcionar espaço para ressignificar o envelhecimento e facilitar a participação e a cidadania, a figura tradicional do professor conteudista precisa ser revista. O conteúdo deve estar presente, porém a partir da demanda e da necessidade dos idosos. O foco, nessa perspectiva, precisaria ser alterado para uma proposta horizontalizada, que pressupõe a participação dos professores a partir da demanda dos alunos, diferente do que os dados desta pesquisa nos mostram. Essa nova perspectiva encontra respaldo no trabalho de Eltz *et al.* (2014) e Pereira, Couto e Scorsolini-Comin (2015).

Outra questão a ser discutida é a valorização da relação professor/aluno. Ao privilegiar a transmissão de conteúdo e a participação do aluno em sala comentando o tema, tirando dúvidas e trazendo ao mesmo tempo relatos de sua memória e história pessoal, ainda assim se privilegia o contato vertical, professor/aluno, e não o horizontal, entre alunos. Entende-se que a promoção de espaços que privilegiem a horizontalidade é crucial quando se pensa a formação de novos vínculos entre idosos, bem como o processo de aprendizagem entre pares.

Por outro lado, as conversas paralelas entre idosos foram apontadas como sendo frequentes durante as aulas e podem estar expressando, além das dúvidas quanto ao conteúdo, o desejo de maior interação entre os alunos.

4.3 Alcances e limitações do projeto

Esta categoria reuniu a percepção dos docentes quanto aos objetivos que vêm sendo atingidos pelo projeto e as limitações que ainda precisam ser superadas. Entre os alcances, na percepção dos professores, a UATI tem conseguido ampliar as possibilidades de socialização dos idosos.

Você sabe que em algumas situações eu via eles combinando de ir ao cinema ou combinando de fazer um café, então isso eu achava legal que também estimula a sociabilidade deles, né... são sozinhos, eu já vi casais, marido e esposa que estão lá juntos, eles se divertem juntos, eles marcam ... eles brigam juntos também, já vi briga, então é bem legal, pra eles deve ser muito bacana. (P.5).

Além da socialização durante as atividades e da ocupação do tempo livre, os docentes perceberam a extensão desses laços para além do encerramento da turma no projeto.

Eu acho que a maior contribuição são os vínculos sociais que eles criam, sou parte de um facebook de um grupo de 2013, até hoje eles se encontram, tomam um café, eles fazem chá, claro que nem todo mundo se vincula de uma forma forte, mas tem um grupinho de, sei lá, 10 ou 15, que tá sempre se encontrando, eles marcam um café por mês ou a cada dois meses. Porque enquanto ele [o projeto] tá acontecendo eles têm que ir lá, fazem diversas atividades diferentes, tanto aulas teóricas quanto, saída de campo, e pra quem realmente quer, possibilita a criação de novos vínculos, né, nessa etapa da vida eu acho que é importante. (P.9).

O acesso ao campus universitário e aos professores resultou em oferta de orientações e serviços além da sala de aula, como no exemplo de P.5: “como a farmácia aqui é aberta ao público, então já teve idosos que voltaram depois, quer dizer que a gente faz uma orientação farmacêutica, aquela coisa toda, eles ligam, nos perguntam, então tive um retorno bem legal deles nesse sentido”.

Os alcances do projeto, mencionados pelos docentes, vão ao encontro dos aspectos elencados por Silva F., Silva A. e Rocha (2017) quanto aos objetivos das UATIs, mais especificamente: constituir centros de atividade, interação, integração social e facilitação do acesso à informação, além de serviços preventivos de saúde.

Cabe chamar atenção à narrativa de P9 ao indicar que um grupo pequeno de ex-alunos continua se encontrando após alguns anos de encerramento da turma. Nesse sentido, cabe indagar se o formato adotado para a estrutura do projeto é o mais adequado para promover a integração social a longo prazo. Poderia ser avaliado se a participação em dois semestres tem oportunizado integração social mais duradoura, aspecto discutido por outros pesquisadores, como Eltz *et al.* (2014), ao descreverem a estrutura e funcionamento de diferentes programas de UATI.

Outro aspecto a ser analisado na narrativa de P9 é seu posicionamento quanto à integração social depender do indivíduo, ao dizer: “e pra quem realmente quer, possibilita a criação de novos vínculos”. Se a interação e integração social são objetivos a serem alcançados, deve-se pensar em um programa de atividades que privilegie a aproximação e trocas interpessoais entre os alunos, para, dessa forma, aumentar a possibilidade de efetivação de novos vínculos, o que foi apontado por outros docentes como limitações do projeto.

Ainda como alcance do projeto, os docentes apontaram a aquisição de conhecimentos e a oportunidade de discutir sobre o atual momento de vida, como lidar com as limitações, além de as potencialidades de cada um, como ilustrado pela fala de P4, ao abordar sobre *coaching* e talentos individuais com a turma:

Parece que despertou neles uma chance de usar esses talentos naturais. Eu indiquei livros pra eles pesquisarem, leituras específicas e tal e falei: “Olha, super dá tempo, não de mudar a carreira, mas de viver com mais empoderamento pessoal”. Você realmente colocar dessa forma. Então me parece que o maior benefício pra eles, foi descobrir que eles ainda podem fazer alguma coisa muito legal! É, foi surpresa pra eles. (P.4).

Outro alcance significativo percebido pelos docentes foi o quanto a participação na UATI poder contribuir para a construção de uma nova visão social da velhice, na medida que os idosos se tornam multiplicadores e anunciam para a sociedade uma maneira participativa e ativa de viver essa etapa da vida.

As pessoas quando passam por uma experiência assim, elas se tornam elementos multiplicadores, porque imagine que cada pessoa ali é um integrante de uma família que tá aí, tem esposo, filhos, netos e bisnetos, é exemplo pra sua família, pra sua casa, é exemplo pro seu vizinho que às vezes também tá numa idade propicia pra fazer uma coisa dessa e tá lá desmotivado, achando que já acabou, que só vai esperar um momento de entrar no trem bala e ir embora. (P.6).

A percepção do docente encontra respaldo na perspectiva da construção social de um fenômeno, no caso, a velhice e as formas de viver esta etapa

do ciclo de vida. À medida que mais idosos vivem com maior autonomia e participação social, novas narrativas sobre a velhice vão sendo construídas e compartilhadas dialogicamente, por meio das trocas sociais e consequentemente, viabilizando práticas compatíveis com tais narrativas (GERGEN K.; GERGEN M., 2010; MASSI *et al.*, 2018).

Por outro lado, também foram identificadas algumas limitações do projeto. Uma delas é a atual dificuldade das universidades públicas em relação ao repasse de verbas do governo federal, o que prejudica a manutenção das atividades de extensão.

Olha, como a gente tá dentro de uma universidade pública o que a gente precisaria mais era de um financiamento garantido, pra garantir monitoria, né, e as visitas externas que se faz, que dependem muito de recursos. Porque a parte de informação, de instrução que se dá em sala de aula, essa aí é tranquilo, alguma coisa é introduzida em função de interesses deles, mas o fundamental é a gente ter um financiamento pra essa atividade, né, que é de extrema importância. (P.3).

O envelhecimento da população é uma realidade, e para se promover o envelhecimento ativo, como preconizado pela OMS (2005) e confirmado pelas políticas públicas brasileiras, há necessidade de um compromisso dos diferentes setores da sociedade.

Muitas universidades brasileiras vêm dando sua contribuição por meio das UATIs (CACHIONI *et al.*, 2015; OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; SILVA, 2017; RODRIGUES; FERNANDES, 2016), como a instituição pesquisada. Porém, para que essas iniciativas avancem em qualidade e eficiência, há a necessidade de investimentos financeiros, sob o risco de se transformarem em meros projetos destinados à ocupação do tempo livre dos idosos, distanciando-se do objetivo de promover participação, autonomia e cidadania destes.

Uma das dificuldades impostas pelo repasse de verbas que se evidenciou durante as entrevistas, foi que no último ano as atividades fora de sala de aula foram excluídas por não haver mais recursos para o pagamento do transporte. Dessa forma, visitas a museus, parques e outros locais de interesse cultural e de lazer deixaram de fazer parte da programação, mesmo sendo tais atividades motivo de procura dos idosos às UATIs, conforme apontado por Yamasaki *et al.* (2018).

Embora P.3 tenha considerado que a programação oferecida não apresentava problemas: “Porque a parte de informação, de instrução que se dá em sala de aula, essa aí é tranquilo”, outro participante apontou dificuldade quanto à didática empregada durante sua participação.

Não digo dificuldade, mas tem algumas coisas que às vezes a gente sentia que a aula tava maçante né, então você tem que inverter alguma coisa durante a aula pra adaptar, conversar e chamar a atenção e perguntar e brincar um pouco porque às vezes não sei se é o termo, mas a falta de preparo para o público específico ou porque também era cansativo, duas horas de aula assim, é pesado também, né, então às vezes a gente... ou é muita informação. Mas não é nada de problemáticas grandes assim, às vezes um pouco enfadonho, todo mundo quietinho aí você tem que fazer uma brincadeira, coisa de dar aula. (P.13).

Tal narrativa evidencia a necessidade de preparar os docentes para atuar em uma UATI e reconhecer que esse contexto é diferente dos cursos regulares, tendo objetivos específicos a serem alcançados. Como já discutido na categoria anterior, a sala de aula tradicional precisa ser repensada, pois entre os objetivos principais das UATIs encontra-se o de oferecer ações e experiências em espaços e tempos flexíveis, assim como aumentar as oportunidades de interação e integração social, o que configura também interesse dos participantes de UATIs, como exposto por Yamasaki, Wanderbroocke e Camargo (2019).

As limitações da estrutura física e organizacional do projeto também foram apontadas. Quanto à estrutura física, P.8 mencionou as salas de aula com carteiras impróprias para idosos permanecerem sentados durante horas. P.5 menciona a falta do pessoal de apoio aos professores para a preparação dos equipamentos necessários nos dias de aula. P.9 sugere que a UATI tenha espaço próprio na instituição, para que assim pudesse ser ponto de referência para os membros de turmas já encerradas.

Na mesma direção, denotando o entendimento de que o projeto ainda precisa avançar em questões de planejamento: P.8 mencionou que os professores deveriam receber toda a programação do curso com antecedência; P.1 e P.11 disseram que os professores deveriam ser convidados mais vezes ou ter uma continuidade no projeto a fim de fortalecer os laços com os alunos; P.2 citou a importância de os docentes terem maior consciência do quanto impactam na vida dos idosos e que seria necessária uma ação de sensibilização sobre a relevância do papel do docente no programa; P.8 e P.13 sugeriram que o projeto fosse realizado em formato modular contínuo para não interromper o processo de socialização iniciado; P.1 indicou a importância de solicitar *feedbacks* dos alunos e professores para a busca de melhorias contínuas do projeto.

O conjunto de colocações dos docentes indica que o projeto ainda funciona com base na disposição voluntária dos profissionais envolvidos, o que resulta em presença e participação pontuais, esporádicas e isoladas. Sendo assim, não tem havido possibilidade para discussão de planejamento de metodologias mais apropriadas e avaliação sistemática do projeto, tanto por parte dos alunos como

por parte dos professores, de forma a fazê-lo avançar com base no incentivo do protagonismo de seus integrantes. Estes aspectos vêm sendo criticados por pesquisadores da área (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; SILVA, 2017).

As limitações no espaço físico disponível para a UATI na instituição e a ausência de recursos, são indicadores do baixo reconhecimento e investimento que a iniciativa ainda recebe. Nesse sentido, vale considerar que não só a universidade contribui com os idosos inscritos, ofertando oportunidade de ampliação do conhecimento e do processo de interação e integração social. Mas, em contrapartida, a presença deste grupo etário possibilita para a universidade colocar em prática ações extensionistas, viabilizando sua responsabilidade social de levar à comunidade os produtos do ensino e da pesquisa, oferecendo alternativas para a transformação da realidade social e firmando a aproximação entre academia e comunidade, conforme discutido por Oliveira R., Scortegagna e Oliveira F. (2015).

5 Conclusão

Esta pesquisa teve por objetivo compreender a visão de docentes de uma UATI no Sul do Brasil quanto ao processo de ensino e aprendizagem de idosos. Para tanto, buscou-se entender como se deu a aproximação do docente ao projeto, os recursos didáticos utilizados e suas percepções quanto aos alcances e às limitações da proposta.

Os resultados indicaram que a UATI em questão contava principalmente com docentes do quadro da própria instituição, que se voluntariavam para transmitir conhecimentos aos idosos. Os docentes se preocuparam em fazer algumas adaptações no conteúdo a ser transmitido para facilitar a aprendizagem e utilizaram predominantemente aulas expositivas dialogadas para transmitir conteúdos relacionados a seus temas de domínio. Oportunizaram espaço para dúvidas e participação dos idosos em sala. Foi possível verificar nas narrativas a centralidade na relação professor/aluno e menos atividades planejadas com o intuito de favorecer a relação entre idosos.

Diante dos resultados alcançados, considera-se que há a necessidade de algum tipo de preparação docente, a fim de que possam atuar com os idosos de modo a serem mediadores e favorecer atividades que privilegiem a atuação entre pares durante as aulas, indo além da utilização de recursos expositivos tradicionais. Dessa forma, poderia ser considerado as peculiaridades do pensamento do idoso e de seu comportamento em relação às aprendizagens e aos conteúdos.

Outro aspecto a ser destacado é a necessidade de o conteúdo relacionado às necessidades e motivações de aprendizagem dos idosos ser avaliado e delimitado. A aprendizagem dos idosos pode colaborar ainda, em todas as esferas da vida, para além da sala de aula, promovendo a saúde mental destes. A compreensão do papel mediador essencial do professor neste processo favorece o desenvolvimento das aprendizagens cognitivas e emocionais.

Quanto aos limites do projeto, estes dizem respeito às limitações no espaço físico disponível, de recursos de infraestrutura, do tempo dedicado pelos docentes e da falta de continuidade dos planos, além da necessidade de adequação de materiais e métodos de ensino. Portanto, os dados indicam a necessidade de se ampliar a análise das UATIs, reconhecendo estas iniciativas como um meio de promoção do envelhecimento ativo e o docente como um dos atores sociais relevantes para que sejam de fato alcançados seus objetivos.

Espera-se que os resultados da presente pesquisa possam contribuir para a ampliação da discussão sobre as UATIs enquanto espaços promotores de interação e integração social de idosos, além do importante papel dos professores enquanto facilitadores desse processo. A presença de projetos deste tipo na universidade possibilita integrar o ensino, a pesquisa e a extensão para além da universidade. Dessa forma, torna-se possível colocar em prática ações extensionistas, que viabilizam a responsabilidade social da instituição em sua inserção e o diálogo atento com as necessidades da comunidade, ao oferecer alternativas para a transformação da realidade social das pessoas idosas.

Sugere-se que outros pesquisadores envolvidos com esta temática possam dar continuidade à investigação do papel dos docentes nas UATIs, uma vez que a presente pesquisa se limitou a buscar dados em um único local. Como os projetos UATIs não seguem proposta pedagógica única, as pesquisas nesta área podem contribuir significativamente para se comparar diferentes modelos que se mostrem mais eficientes.

*AN OPEN UNIVERSITY OF THE THIRD AGE
PROFESSOR'S VIEW ABOUT THE TEACHING
AND LEARNING PROCESS OF THE ELDERLY*

abstract

This research aims to understand the professors' view in an adult and elderly education project, offered in the format of Open University of the Third Age (OUTA), about the learning and teaching process of the elderly. This qualitative research was carried out with thirteen

professors who taught between 2013 and 2016 and participated in a semi-structured interview. The content analysis procedure allowed us to know the form of entry, didactic aspects employed, and the professors' perception of the scope and limitations of the proposal. The data indicated that the professors' majority came from the institution itself, they favor dialogic lectures classes, the centrality in the professor/student relationship, and less in the relationship between the elders. It is concluded that there is a need to prepare professors to work with elderlies and the content taught must be related to students' learning needs and motivations to favor the process of cognitive and emotional learning.

keywords

Open University of the Third Age. Teaching. Aging.

referências

ASSOCIATION FOR GERONTOLOGY IN HIGHER EDUCATION. *Directory of educational programs in Gerontology and Geriatrics*. Washington: Association for Gerontology in Higher Education, 2000.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, Rosanna. Revisitando Knowles e Freire: andragogia versus pedagogia, ou o dialógico como essência da mediação sociopedagógica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 44, e173244, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022018000100465&script=sci_arttext. Acesso em: 17 jul. 2020.

BATISTONI, Samila Sathler Tavares *et al.* Depressive symptoms in elderly participants of an open university for elderly. *Dementia & Neuropsychologia*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 85-92, jun. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-57642011000200085. Acesso em: 17 jul. 2020.

CACHIONI, Meire *et al.* Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 81-103, mar. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362015000100081&script=sci_arttext. Acesso em: 17 jul. 2020.

CASEMIRO, Francine Golghetto *et al.* Impact of cognitive stimulation on depression, anxiety, cognition and functional capacity among adults and elderly participants of an open university for senior citizens. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 683-694, ago. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232016000400683. Acesso em: 17 jul. 2020.

CASTRO, Paula Costa *et al.* Influência da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) e do Programa de Revitalização (REVT) sobre a qualidade de vida de adultos de meia-idade e idosos. *Revista Brasileira Fisioterapia*, São Carlos, v. 11, n. 6, p. 461-467, nov./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000600007>. Acesso em: 17 jul. 2020.

CERVATO, Ana Maria *et al.* Educação nutricional para adultos e idosos: uma experiência positiva em Universidade Aberta para a Terceira Idade. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 18, n. 1, p. 41-52, fev. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732005000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2020.

DOMINGUES, Marisa Accioly *et al.* Rede de suporte social de idosos do programa Universidade Aberta à Terceira Idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 15, p. 33-51, 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15228>. Acesso em: 17 jul. 2020.

ELTZ, Giovana Duarte *et al.* Panorama atual das Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 83-94, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/23555>. Acesso em: 17 jul. 2020.

FERREIRA, Aline Alves *et al.* Estado nutricional e autopercepção da imagem corporal de idosos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 289-301, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232014000200289&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2020.

GERGEN, Kenneth; GERGEN, Mary. *Construcionismo social: um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.

JESUS, Bárbara Borges e *Docência: um olhar para a Terceira Idade*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8230-docencia-um-olhar-para-a-terceira-idade.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.

LIMA, Mariuza Peloso. *Gerontologia educacional: uma pedagogia específica para idosos – uma nova concepção de velhice*. São Paulo: LTr, 2000.

MASSI, Giselle *et al.* Envelhecimento ativo: um relato de pesquisa-intervenção. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 5-12, jan./fev. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v20n1/pt_1982-0216-rcefac-20-01-00005.pdf. Acesso em: 17 jul. 2020.

MOLITERNO, Aline Cardoso Machado *et al.* Viver em família e qualidade de vida de idosos da Universidade Aberta da Terceira Idade. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 179-184, out. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/4040/2802>. Acesso em: 17 jul. 2020.

MUNIZ, Fábila Helena; BATISTONI, Samila Sathler Tavares; PASCARELLI PEDRICO DO NASCIMENTO, Priscila. Crenças sobre depressão entre idosos de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 15, n.7, p. 195-213, maio 2012 Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/6863>. Acesso em: 17 jul. 2020.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Flávia da Silva. Extensão universitária: perspectivas e ações para a terceira idade. In: OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa (org.). *Universidade Aberta para a Terceira Idade: o idoso como protagonista na extensão universitária*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015. p. 21-38.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa; SILVA, Flávia Oliveira Alves da. A educação permanente protagonizada pelo idoso na universidade aberta para a terceira idade/UEPG. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 19-33, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2017v14n27p19>. Acesso em: 17 jul. 2020.

ORDONEZ, Tiago Nascimento; CACHIONI, Meire. Motivos para frequentar um programa de educação permanente: relato dos alunos da universidade aberta à terceira idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 461-474, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232011000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2020.

ORDONEZ, Tiago Nascimento; LIMA-SILVA, Thais Bento; CACHIONI, Meire. Subjective and psychological well-being of students of a University of the Third Age: benefits of continuing education for psychological adjustment in the elderly. *Dementia & Neuropsychologia*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 216-225, set. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-57642011000300216&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução: Suzana Gontijo. Brasília, DF: Organização Pan-americana da Saúde, 2005. 60 p. Título original: Active ageing: a policy framework. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em: 17 jul. 2020.

PEREIRA, Mário Cesarda Silva. A face (des)conhecida do idoso na Universidade Aberta da Terceira Idade da Unicentro. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 193-204, 2003.

PEREIRA, Elizabeth Thomaz. *A terceira idade na universidade aberta: navegando, buscando, aprendendo em um mar sem fim*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

PEREIRA, Ana Alice da Silva; COUTO, Vilma Valéria Dias; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Motivações de idosos para participação no programa Universidade Aberta à Terceira Idade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 207-217, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902015000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 jul. 2020.

PREVIATO, Marcela *et al.* Avaliação do efeito da ingestão de simbiótico sobre a função intestinal de idosos frequentadores de Universidade Aberta à Terceira Idade, com repercussão em seu bem-estar e em sua qualidade de vida. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 19, p. 157-173, jan. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/31909>. Acesso em: 16 jul. 2020.

RODRIGUES, Juliana Pedreschi; FERNANDES, Charles Augusto Moreira. Lazer e sociabilidade: sobre as memórias e motivações de idosos participantes de uma experiência de educação não formal na zona leste da cidade de São Paulo. *Licere – Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 19, n. 4, p. 201-225, jan. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1358>. Acesso em: 16 jul. 2020.

RUIU, Aurora. Gestión pedagógica con mayores en Argentina: una oportunidad para transformar(se) y motivar al ciudadano. In: OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa (org.). *Universidade Aberta para a Terceira Idade: o idoso como protagonista na extensão universitária*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015. p. 167-186.

SANTOS, Aline Lariane dos *et al.* Avaliação do perfil sociodemográfico e nutricional na diferença entre homens e mulheres idosos ingressantes no programa Universidade Aberta para a Maturidade. *Revista de Enfermagem UFPE Online*, Recife, v. 11, supl. 1, p. 327-333, jan. 2017. DOI: 10.5205/reuol.7995-69931-4-SM.1101sup201711. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11912>. Acesso em: 16 jul. 2020.

SILVA, Flora Moritz da. *Reflexões sobre a Universidade da Terceira Idade (UnTI) na gestão das universidades públicas federais brasileiras*. 2017. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185551>. Acesso em: 17 jul. 2020.

SILVA, Flora Moritz da; SILVA, André Tiago Dias da; ROCHA, Rudimar Antunes da. Onde estão as UnTI das universidades públicas federais do Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 17., 2017, Mar Del Plata. *Anais dos Colóquios Internacionais sobre Gestão Universitária*. Mar Del Plata: Universidade Federal de Santa Catarina; Universidad Nacional de Mar Del Plata, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/181218>. Acesso em: 16 jul. 2020.

SILVA, Thais Bento Lima; ORDONEZ, Tiago Nascimento; LITARDO, Gabriel Camacho; NAGAI, Paula Akemi; EGUSHI, Liza Satie; SUZUKI, Milena Yuri; CACCHIONI, Meire. Universidade Aberta à Terceira Idade: como atrair novos estudantes? *Revista Kairós Gerontologia*, v. 15, n. 14, p. 259-276, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/15252#:~:text=Dentre%20as%20sugest%C3%B5es%20de%20divulga%C3%A7%C3%A3o,de%20grande%20circula%C3%A7%C3%A3o%20pelos%20idosos>. Acesso em 16 jul. 2020.

TORRES, Maria Juliana *et al.* Características de rede de suporte social masculina e feminina no quadrante família do Mapa Mínimo de Relações Sociais do Idoso – MMRI, de estudantes frequentadores de Universidade Aberta à Terceira Idade. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 15, n. 7, p. 53-70, dez. 2012. DOI: 10.23925/2176-901X.2012.v15iEspecial14p53-70. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5315900/mod_resource/content/1/Caracteristicas_de_rede_de_suporte_socia.pdf. Acesso em: 16 jul. 2020.

YAMASAKI, Flávia; WANDERBROOKE, Ana Claudia; CAMARGO, Denise de. Avaliação participativa de uma Universidade Aberta à Terceira Idade: perspectiva dos idosos. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 635-655, mar. 2019. DOI: 10.23925/2176-901X.2019v22i1p635-655. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/48251>. Acesso em: 16 jul. 2020.

YAMASAKI, Flávia *et al.* Sentidos de envelhecimento e motivos para a procura da Universidade Aberta para a Terceira Idade. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 36, n. 93, p. 328-342, nov. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.36.93.AO04>. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23433>. Acesso em: 16 jul. 2020.

Data de Submissão: 11/08/2020
Data de Aceitação: 02/11/2020